
Ecologia dos saberes: o etnoconhecimento sobre o uso das plantas medicinais do povo Paiter Suruí

Sandra Maria Nascimento de Mattos¹
Keila Ferreira de Oliveira²

Resumo: Este artigo apresenta um recorte do projeto de pesquisa “A cura pelas plantas medicinais do povo Paiter Suruí”. A etnia Paiter Suruí ocupa a Terra Indígena Sete de Setembro, localizada nos estados de Rondônia e Mato Grosso e o local da pesquisa é a Aldeia Paiter Linha 09, Cacoal – RO. Tem como objetivo investigar os etnoconhecimentos da etnia Paiter Suruí sobre as plantas medicinais, buscando identificar a utilização das mesmas para a cura do corpo e da alma, apoiando-se na etnobotânica originária da etnia como forma de dar visibilidade a esses saberes tradicionais, empoderando-os e resguardando a identidade do povo Paiter Suruí. A abordagem metodológica foi o estudo de caso, utilizando como instrumentos a entrevista semiestruturada, visitas, diário de campo e captação de imagens e vídeos. Constatamos que há interesse deles próprios em resguardar esses saberes e fazeres, envolvendo a própria história dos Paiter Suruí. Ressaltamos que o etnoconhecimento sobre as plantas medicinais agrega marcadores de pertencimento e de territorialidade a toda coletividade.

Palavras-chave: Etnobotânica; Etnoconhecimento; Plantas Medicinais; Paiter Suruí.

KNOWLEDGE ECOLOGY: ETHNO-KNOWLEDGE ON THE USE OF MEDICINAL PLANTS OF PAITER SURUÍ PEOPLE

Abstract: This article presents a cut of the research project "The healing by the medicinal plants of the Paiter Suruí people". The Paiter Suruí ethnic group occupies the Sete de Setembro Indigenous Land, located in the states of Rondônia and Mato Grosso, and the research locus is the Paiter village, Line 09, Cacoal - RO. The goal is to investigate the ethno-knowledge of the Paiter Suruí ethnicity on medicinal plants, seeking to identify their use for body and soul healing, relying on ethnobotany originating from ethnicity as a way of giving visibility to these traditional knowledges, preserving the identity of people. The methodological approach was the case study, using semi-structured interviews, visits, field diary and images and videos as instruments. We find that they are interested in protecting these knowledge and actions, involving the history of the Paiter Suruí. We emphasize that ethno-knowledge about medicinal plants adds markers of belonging and territoriality to the whole community.

Keywords: Ethnobotany; Ethno-knowledge; Medicinal Plants; Paiter Suruí.

¹ Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)/Universidade Católica Portuguesa. Professora do Programa de Pós-graduação em Educação Agrícola da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPGEA/UFRRJ). E-mail: smnmattos@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2622-0506>

² Mestra em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação Agrícola da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPGEA/UFRRJ). Professora da Secretaria Estadual de Educação de Rondônia (Seduc/RO). E-mail: keilafferreirabio10@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7842-8037>

1 INTRODUÇÃO

O Brasil é um país com imensa biodiversidade, a qual tem potencial riquíssimo de plantas e ervas medicinais, que podem ser utilizadas na saúde física e mental dos brasileiros. Entretanto, sabemos que muitos desses conhecimentos sobre o uso de plantas e ervas medicinais já são utilizados por uma diversidade de grupos étnicos e culturais que detêm e guardam esses conhecimentos. Sabemos, ainda, que mesmo antes do contato com os não indígenas, os povos indígenas utilizavam-se de plantas e ervas medicinais, com propriedade, para curar doenças, sarar feridas, tirar dor etc.

O espaço natural existente no mundo foi apropriado por grupos socioculturais que interagiram no ambiente de acordo com suas necessidades. Algumas dessas interações foram positivas outras não. Constatamos assim, que os conhecimentos gerados e difundidos no mundo, de alguma maneira, foram positivos ou foram negativos para o ambiente envolvente. Compreendemos que os povos indígenas utilizam e tratam o ambiente envolvente de maneira diferenciada, resguardando-o e preservando-o para uso imediato e futuro. Nessa perspectiva, a identificação dos saberes ancestrais do povo Paiter Suruí sobre as plantas medicinais é de suma importância para a preservação e sustentabilidade local e global.

É, também, uma forma de resguardar conhecimentos tradicionais, dando visibilidade a esses saberes e fazeres na tentativa de promover a decolonialidade imposta pela cultura hegemônica ocidental. É, de certa maneira, desvelar o etnoconhecimento que cada etnia, especialmente da etnia Paiter Suruí por entendermos que esses saberes e fazeres os empodera e mostra as lutas sofridas para manterem-se identificados como um povo indígena sobrevivente da região Amazônica. Buscamos assim, o diálogo entre as culturas em uma dinâmica que agrega conhecimentos e visibiliza os participantes de cada uma dessas culturas.

Em suma, mostramos que esses etnoconhecimentos são marcadores de identidades e de territorialidade de toda a coletividade local. Assim sendo, a etnobotânica oriunda dos Paiter Suruí é uma maneira de manter vivos os saberes e fazeres ancestrais de etnia. Além disso, curar as doenças de forma mais sustentável. Asseguramos que a criação do centro de plantas medicinais é um suporte importante para esse resgate, mas não só para isso. O centro tem um caráter de manter resguardadas as tradições e de assegurar que esses saberes e fazeres permaneçam na cultura da etnia, demonstrando aspectos religiosos, espirituais e mitológicos que de alguma forma modificaram-se ao longo da história da etnia.

2 ECOLOGIA DOS SABERES E A DINÂMICA CULTURAL

Quando pensamos em povos inviabilizados, como os povos indígenas, pensamos em Boaventura de Souza Santos (SANTOS, 2006) que afirma haver uma diversidade de culturas,

produzindo saberes e fazeres cotidianamente, os quais são importantes dar conhecimento às outras culturas. Portanto o diálogo intercultural permite constatar que “[...] em todas as culturas há temas demasiados importantes para serem incluídos num diálogo com outras culturas” (SANTOS, 2006, p. 462). Na mesma direção, D’Ambrosio (2009, p. 4) afirma que há uma dinâmica cultural que “como um organismo, as culturas estão em permanente transformação”, o que significa que ocorreram trocas entre estas culturas, mas que resultou em uma cultura dominante que durante séculos modificou e até invisibilizou as outras. Não foi considerado diálogo entre elas.

Shirley (apud DOMITE, 2016, p. 25) afirma que a dinâmica cultural do encontro ocorre “cada vez que dois povos ou culturas diferentes se encontram e interagem, aprendizagens se dão dos dois lados”. É nesse encontro que há a troca e o diálogo entre as culturas. Entretanto, podemos afirmar que muitos desses encontros não foram auspiciosos para algumas culturas, como é o caso dos povos indígenas. Atualmente, tenta-se reverter esse panorama, dando ênfase aos saberes e fazeres das culturas tradicionais. Domite (2016, p. 25) reconhece que “o que vem sendo refletido sob o tema `dinâmica cultural do encontro` é um estudo de cunho socioantropológico dos fatores que afetam as transformações de ordem cultural no movimento do encontro entre culturas”. Nessa perspectiva, olha-se o desenvolvimento sociocultural e a interação do ser humano com o meio envolvente.

Reconhecemos que o ser humano está imerso em um tempo e em um espaço, que não são estáticos. Dessa maneira, o ser humano assume-se histórico, social e cultural. Em seu aspecto cultural não é lícito aos outros interferirem, já que somente eles podem fazê-lo por ter o domínio sobre os saberes, os fazeres, os valores, as crenças e as ideias que determinam sua cultura. Freire nos alerta para:

Herdando a experiência adquirida, criando e recriando, integrando-se às condições de seu contexto, respondendo a seus desafios, objetivando-se a si próprio, discernindo, transcendendo, lança-se o homem num domínio que lhe é exclusivo — o da História e o da Cultura (1967, p. 41).

Pensamos, ainda, na ecologia dos saberes na promoção do diálogo entre as culturas. Para Santos (apud CARNEIRO; KREFTA; FOLGADO, 2014, p. 332) “a ecologia dos saberes é um conceito que visa promover o diálogo entre saberes que podem ser considerados úteis para o avanço das lutas sociais pelos que nela intervêm”. A ecologia dos saberes é pertinente ao dar voz aos povos invisibilizados, mesmo que esta seja tímida. De acordo com o autor “a ecologia dos saberes é um processo coletivo de produção de conhecimentos que visa reforçar as lutas de emancipação social” (SANTOS apud CARNEIRO; KREFTA; FOLGADO, 2014, p. 332).

Nessa perspectiva, podemos abordar a ecologia cultural ou humana como sendo as relações de um grupo cultural com seu ambiente de relação, ou seja, a ecologia cultural ou humana estuda as

interrelações entre os fatores culturais e os ambientais, focando as atividades de subsistência e sobrevivência, responsáveis pelas adaptações do ser humano com o ambiente envolvente. Assumimos assim, uma perspectiva holística dessa relação homem-natureza. Nazareth (apud CARVALHO, 2007, p. 132) afirma que a ecologia humana é definida:

[...] como o estudo das relações, em tempo e espaço, entre a espécie humana e as outras componentes e processos do ecossistema de que é parte integrante. O seu objectivo é conhecer a forma como as populações humanas concebem, usam e afectam o ambiente, bem como o tipo de respostas existentes às mudanças ocorridas no ambiente biológico, social e cultural.

Dessa maneira, o ser humano é estudado de forma natural, cultural, social e interdisciplinarmente, na confluência do desenvolvimento de hominização enquanto resultante das interações entre o homem e o ambiente. Há, conseqüentemente, uma estreita ligação entre a ecologia dos saberes e a ecologia humana. Ambas estão relacionadas a produção de conhecimentos e como estes afetam o entorno envolvente.

Se queremos olhar os saberes e fazeres tradicionais da etnia Paiteer Suruí a respeito do uso das plantas medicinais, para a cura do corpo e da alma, temos que entender a dinâmica ecológica local, que envolve o manejo, a conservação e o desenvolvimento sustentável das plantas medicinais. É o resgate dos valores, das crenças e dos conhecimentos que podem ter sido esquecidos ou invisibilizados pelo processo de desenvolvimento da cultura de consumo atual. Dessa forma, a ecologia dos saberes permite ultrapassar o pensamento abissal existente. Segundo Santos e Menezes (2009, p. 23) o pensamento abissal

Consiste num sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que as invisíveis fundamentam as visíveis. As distinções invisíveis são estabelecidas através de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: ‘o universo deste lado da linha’ e o universo ‘do outro lado da linha’. A divisão é tal que ‘o outro lado da linha’ desaparece enquanto realidade, torna-se inexistente, e é mesmo produzido como inexistente. Inexistência significa não existir sob qualquer forma de ser relevante ou compreensível.

Ferreira Neto (2018, p. 41) acredita que:

[...] com o pensamento abissal, a ciência moderna tem a exclusividade do universal e do verdadeiro, assim os saberes produzidos ‘do outro lado da linha’ não existem. Isso implica dizer que os conhecimentos produzidos por indivíduos tidos como socioculturalmente inferiores serão refutados, circunscritos tão somente a crenças, opiniões, magia, entendimentos, pensamentos intuitivos que, em condições favoráveis, são utilizados como objeto de pesquisa.

Nessa perspectiva, entendemos que trazer os saberes sobre o uso das plantas medicinais é de suma importância para o próprio povo Paiteer Suruí.

3 ETNOBOTÂNICA E O USO DAS PLANTAS MEDICINAIS PELOS PAITER SURUÍ

Não é de hoje que a população mundial enfrenta problemas ambientais catastróficos. Muito pouco tempo se faz, em relação ao tempo da civilização humana, que há preocupação com o desenvolvimento sustentável para assegurar às futuras gerações um ambiente que possam sobreviver. Em contrapartida, os povos indígenas trazem essa conscientização de longa data, haja visto o entendimento que têm de a natureza não ser deles, mas das futuras gerações. Portanto, como destruir algo que não é seu. Com essa visão, compreendemos que o povo Paiter Suruí sempre preservou os recursos naturais, tendo em vista o bem-estar coletivo no presente e para o futuro.

Os povos indígenas sempre lutaram por suas terras, sua cultura, suas crenças, sua sobrevivência, desde a ocupação do seu território pelos portugueses. A partir desse momento e de outros subsequentes, os povos indígenas têm sofrido grandes perdas, principalmente de sua cultura, dos saberes e fazeres ancestrais, o que prejudica sua qualidade de vida. De acordo com a Constituição brasileira, (BRASIL, 1988, p. 119), no seu artigo 231, os índios têm garantia de “reconhecimento de sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.” Dessa maneira, há o entendimento dos povos indígenas como categoria social, que possui valores próprios e política organizacional, que devem ser respeitados e preservados.

A cultura indígena, presente no cotidiano das aldeias, é constituída por um conjunto de saberes e fazeres de cada etnia, manifestados em seus ritos, mitos, costumes e entre outras formas de expressão, que configuram um conhecimento próprio. Reconhecido como etnoconhecimento é rico em princípios tradicionais que são aplicados e difundidos para a preservação e a perpetuação da cultura desses povos, ao longo dos tempos, resguardados às gerações. Assim sendo,

O acúmulo de conhecimentos compartilhados pelos indivíduos de um grupo tem como consequência compatibilizar o comportamento desses indivíduos e, acumulados, esses conhecimentos compartilhados e comportamentos compatibilizados constituem a cultura do grupo. (D'Ambrosio, 2011, p. 28)

Tais conhecimentos desempenham um papel fundamental na conservação e gestão sustentável dos recursos naturais. A interação com a natureza, o respeito pela Terra, são manifestados em rituais de agradecimento e nas ações de cuidado e preservação do meio ambiente. É a sustentabilidade aplicada naturalmente pelos povos indígenas. Nessa perspectiva, trazemos o preceito de sustentabilidade que está contemplado na carta magna, em seu artigo 225, instituindo que:

Todos têm o direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações (BRASIL, 1988, p. 116).

O etnoconhecimento, aplicado às atividades do cotidiano, garante a utilização dos recursos naturais, necessários à sobrevivência, sem esgotá-los, além de promover a interação social entre os membros da etnia e deles com outros povos e comunidades. A sustentabilidade praticada pelos povos indígenas é intrínseca aos conhecimentos próprios. Após muitas perdas, os Paiter Suruí estão em processo de resgate de suas tradições. Com esse pensamento o indígena Ricardo Narayamat Surui, técnico em enfermagem, criou o Centro de Plantas Medicinais Olawatawa na Aldeia Paiter Linha 09 em Cacoal - Rondônia. O objetivo é fazer um resgate dos usos e dos costumes das ervas medicinais para o tratamento e cura de algumas enfermidades.

O Centro de plantas Medicinais Olawatawa foi desenvolvido de forma sustentável. Dessa maneira, foi criado em trilha para evitar retirada de outras espécies vegetais. O viveiro é composto por plantas medicinais nativas da floresta, as quais são remanejadas após reconhecimento e extração pelos sabedores anciãos. Na Figura 01 podemos observar que a trilha é desenvolvida floresta adentro.

Figura 01: Trilha do Centro de plantas Medicinais *Olawatawa*



Fonte: Autoras

Em entrevista com o indígena Ricardo Surui, criador do centro de plantas medicinais, ele nos afirma que o objetivo do centro é preservar os conhecimentos tradicionais deles. Como ele é técnico em enfermagem foi mais natural optar pelas plantas medicinais, mas é um sonho de toda comunidade. Ele afirma que:

Eu posso dizer que sempre, assim nós indígenas tem o objetivo de, tem um sonho de preservar o valor, os conhecimentos que nós temos. [...] A gente vê muito futuro assim nossa frente, já que todo mundo fala de futuro, a gente pensa assim também. Então eu posso dizer que eu juntamente com a comunidade, mesmo a gente vem fazendo um trabalho de centro aqui, trabalhamos em união aqui, coletividade.

(Entrevistado técnico de enfermagem Ricardo Surui, 2018).

Constatamos que é uma necessidade do próprio povo Paiter Suruí fazer esse resgate. Esse resgate é de certa maneira reafirmação da identidade e empoderamento para reivindicar seus direitos junto aos governantes do país. Todas as plantas são catalogadas na língua materna e sua utilidade é escrita em português. Percebemos que também é uma maneira de preservar a própria língua materna, aspecto relevante para ratificar a identidade de cada etnia indígena. É a busca pela visibilidade do povo indígena. O próprio Ricardo Surui relata:

Porque esta nossa cultura ela está incluída em todos, assim como na nossa educação tradicional, no nosso ambiente de viver, né, em nosso meio assim, está incluído em tudo, né. Então esse trabalho é muito importante para nós, assim... voltar mais um pouco, a gente sabe que hoje nós indígenas estamos cada vez mais. Enquanto o mundo está avançando cada vez mais, precisamos mudar, precisamos avançar, mas nós não podemos deixar nossa origem de onde a gente veio, precisamos valorizar essa cultura que nós temos, assim podemos buscar uma coisa melhor para nós. Pensar, buscar uma coisa melhor em si.

(Entrevistado técnico de enfermagem Ricardo Surui, 2018).

O sentido de pertencimento indígena está ligado às representações simbólicas, às práticas socioculturais e espaciais por eles realizadas e atribuídas. Recuperar a história de um povo requer buscar imagens passadas e que estão guardadas na memória dos mais antigos, os anciãos, sabedores vivos da cultura ancestral. Resgatar a cotidianidade da coletividade aproxima-nos a um saber íntimo que está alocado na estrutura mental de cada um desses sabedores. Em se tratando da utilização de plantas medicinais, nos aproxima do cosmogônico, práticas as quais envolvem não somente o corpo, mas também, o espírito. De acordo com Almeida Silva (2010, p. 118):

Na cosmogonia, a qual se circunscreve a espiritualidade, as relações entre humanos, não-humanos e não-seres se realizam nos coletivos indígenas como “aura afetual” e “participação mística” (LÉVY-BRÜHL, 1957; 2003), de modo a possibilitar a construção dos “marcadores territoriais”, em que se entende que o todo está permeado de relações que estruturam a vida e se apoiam nos mitos e formas simbólicas para o exercício das experiências.

Para os indígenas a utilização da fauna e da flora é algo intrínseco a eles. Eles são parte da natureza e, portanto, sentem-se na obrigação de preservá-la para a própria sobrevivência. Com esse entendimento, a etnobotânica é entendida como uma área de conhecimento que estuda a relação do homem com a natureza, da qual as plantas são partes integrantes e muito utilizadas pelo povo Paiter Surui. De acordo com Rocha, Boscolo e Fernandes (2015, p. 67) ‘a etnobotânica tenta se

comprometer com o mundo em desenvolvimento, adotando uma posição estratégica com seu foco integrativo”. De acordo com Duque-Brasil (2010, p. 7)

o termo etnobotânica foi formalmente proposto por Harshberger (1986) que considerou a etnobotânica como ferramenta para elucidação da posição cultural das tribos que usam plantas medicinais para alimentação, abrigo ou vestuário, de forma que tais investigações poderiam contribuir para esclarecer a distribuição das espécies vegetais no passado. Entretanto, muito antes desse período, dados etnobotânicos já haviam sido utilizados em estudos sobre a origem e distribuição das plantas cultivadas, além de também terem sido empregados para identificação e de milhares de espécies de plantas desconhecidas pelos naturalistas antes das expedições científicas nos tempos das grandes navegações. Na verdade, a etnobotânica já existia, porém, antes de tudo isso, não haviam pesquisadores. Entretanto o ser humano sempre foi e é importante agente de mudanças nas comunidades vegetais e na evolução de diversas populações de plantas, pois sempre foi dependente do meio botânico para sua sobrevivência, manipulando-o não apenas para suprir suas necessidades mais urgentes, mais também sua magia e medicina, uso empírico ou simbólico, nos rituais presentes em várias culturas, que muitas vezes gerenciam e mantêm suas relações sociais.

Ressaltamos que a etnobotânica já existia muito antes do contato com os povos indígenas e que eles sabiam e sabem curar doenças originárias de sua cultura ancestral. Para Giraldi e Hanazaki (2010, p. 395) a etnobotânica é entendida como a maneira pela qual “as pessoas incorporam as plantas em suas práticas tradicionais e culturais”, bem como, “é o estudo das interrelações entre humanos e plantas em sistemas dinâmicos”. Nessa perspectiva, os povos indígenas assimilaram essas práticas ao seu cotidiano e, ainda hoje, conseguem curar algumas doenças. Com o contato e a chegada de novas doenças foi preciso a utilização da medicina moderna para curar essas doenças que quase dizimaram as populações indígenas. Essas medicinas complementam-se atualmente.

4 O ETNOCONHECIMENTO SOBRE AS PLANTAS MEDICINAIS: DANDO VOZ AOS PAITER SURUÍ

Na cotidianidade da aldeia dos Paiter Suruí percebemos o respeito e a reverência aos anciãos. Há consideração sobre a experiência que eles guardam, acatadas como essenciais para a sobrevivência do próprio povo e relevantes para o coletivo indígena. A referência aos idosos como sabedores anciãos está inserida na cultura como aquele que protege os saberes ancestrais do povo Paiter Suruí. De acordo com Almeida Silva há essa inserção na cultura devido:

uma profunda relação de vida em que o respeito para com os idosos é integrante da práxis social, resultante das experiências socioespaciais e da cosmogonia. O entendimento de respeito aos idosos representa o equilíbrio e a sabedoria como fonte portadora das experiências vivenciadas e são transmitidas aos mais jovens, apesar de existir focos de resistência devido à inserção de novos valores oriundos da sociedade envolvente. (ALMEIDA SILVA, 2010, p. 209).

Nessa perspectiva, podemos afirmar que os sabedores anciãos são marcadores que resguardam saberes e fazeres tradicionais e perpetuam aspectos culturais, simbólicos e

cosmogônicos, bem como, a própria língua materna. São considerados marcadores por haver uma territorialidade que se instrumentaliza no próprio corpo desses sabedores anciãos. Assim, eles sempre são consultados em virtude de suas experiências e histórias que narram os feitos da etnia. Portanto, buscamos essas vozes para respaldar a utilização das plantas medicinais. No relato de um indígena constatamos a importância dos anciãos:

Porque é assim, a importância dela é quando o mais velho transmite do conhecimento tradicionais para geração mais nova, e através desse conhecimento ela pode prevalecer aquele conhecimento tradicionais, porque o tempo ela muda, então a partir disso aquela tradicionalmente hoje o mais jovem não tem conhecimento ainda, então a partir da transmissão de conhecimento ela pode prevalecer aquele conhecimento.
(Entrevistado professor Gamalonô Surui, 2018).

É interessante notar que segundo a sabedora Inceri todas as plantas medicinais contêm espírito, pois em algum momento elas já foram gente. No relato da sabedora:

Todas as plantas medicinais, não é mitologia, ela é considerada na história dos Suruí, ela tem a ver com espírito, dizem que lá no antepassado todas plantas medicinais já foram gente. Então por isso que pra bebê, recém-nascido, é proibido utilizar as plantas medicinais, só depois de um ano que tem direito de receber esse medicamento.
(Entrevistada sabedora Inceri Surui, 2018).

Essa afirmação corrobora o que já afirmamos anteriormente a respeito deles entenderem-se como parte da floresta. Nessa perspectiva e com o entendimento de que as plantas já foram gente, a retirada das partes, as quais eles usam, devem estar verdes para serem utilizadas para elaboração dos remédios. Assim sendo, de acordo com a sabedora:

A gente usa tanto casca, folha usamos verde porque todas plantas medicinais que já foram gente, então a seca elas perde a função de... o poder dessa cura. Então só verde que tem mais poder, ele tem força para combater a doença, se secar não tem mais poder de cura.
(Entrevistada sabedora Inceri Surui, 2018).

A respeito das partes utilizadas na elaboração do remédio temos os relatos:

As partes que a gente usa das plantas medicinais é a casca e a folha, tem um que a gente usa raiz, que chama panalene, a gente considera ela como antibiótico, ela é muito remédio forte, é a única. Flor não.
(Entrevistada sabedora Inceri Surui, 2018).
É a casca do caule e folha, flores não, nem fruto, raiz também, são três partes, raiz, caule e a folha.
(Entrevistado professor Gamalonô Surui, 2018).

Sobre a identificação das plantas que podem ser utilizadas para a elaboração do remédio foi relatado que é:

Pelas características, porque cada planta tem o seu característica e onde identificamos ela através das folhas, através das folhas e não caule só pelas folhas mesmo. E o poder, porque dentro da história do Suruí cada planta medicinal o Suruí fala que já foi gente, então ela é, faz parte, por isso que a criança nova não pode, é, não é permitido tomar, depois de um ano pode tomar sim, porque é muito forte pra criança.

Aroeira é uma planta bem amarga que já foi gente, então dentro da história de mitologia Paiter, tem a história dessa árvore, onde Deus pediu pra que o veado busca a lenha lá nas aldeias das onças e antes de ele passar na aldeia das onças, pegou a casca dessa árvore e passou tudo no corpo do veadinho pra que a carne fica ruim pra onças.

(Entrevistado professor Gamalonô Surui, 2018).

Constatamos que esses saberes tradicionais são fruto da relação entre os indígenas e o meio sociocultural deles, situados em um contexto histórico e político, reafirmando a ecologia dos saberes que proporciona o diálogo entre eles e os não indígenas. Entretanto, esses saberes foram deixados de fora da totalidade dos conhecimentos ocidentais hegemônicos. Podemos dizer que foram deixados de fora “muita realidade, muita experiência, e, ao deixá-las de fora, ao torná-las invisíveis, desperdiça a experiência” (SANTOS, 2006, p. 26), impossibilitando outra leitura de mundo, diferente da hegemônica.

A monocultura é uma maneira de produzir ausências, invisibilidades, portanto essa carência no todo do conhecimento hegemônico foi considerada uma parte “descartável, desprezível” (SANTOS, 2007, P. 31). O próprio autor propõe a substituição da monocultura pelas ecologias. Estas são consideradas como a prática de agregar a “diversidade pela promoção das interações sustentáveis entre entidades parciais e heterogêneas” (SANTOS, 2006, p. 105). Há que se pensar na decolonialidade como forma de dar visibilidade aos indígenas a partir de suas práticas sociais, políticas e culturais. Entretanto, não é necessário apenas agregá-los com sua cultura, mas alocá-los em relação com outras culturas, ou seja, dar-lhes dignidade como agentes históricos. De acordo com Oliveira e Candau (2010, p. 24) “a decolonialidade representa uma estratégia que vai além da transformação da descolonização, ou seja, supõe também construção e criação. Sua meta é a reconstrução radical do ser, do poder e do saber”.

Partindo desse entendimento, chegamos à ecologia humana ou ecologia social que propõe as relações entre seres humanos e natureza. Dessa forma: “se a natureza é fonte de liberdade, participação, solidariedade e apoio mútuo, então as estruturas sociais que organizam as sociedades humanas também assim poderiam ser (BOOKCHIN, 2010, p. 14). O princípio ecológico nos mostra a diversidade. A visão ecológica pode ser resumida no equilíbrio e na harmonia do homem com a natureza, sem destruí-la. É evidente que o povo Paiter Suruí sempre manteve essa relação.

A cosmogonia são relatos que explicam a criação do mundo e, ao mesmo tempo, dos seres humanos. É entendida como a visão mitológica e religiosa de cada povo, a qual encontramos a mitologia e a espiritualidade indígena, marcada nos relatos dos indígenas. Essa cosmogonia vem

repleta de narrativas sobre seres naturais e sobrenaturais. São personagens que participaram na construção da cultura indígena, o que traz o respeito a vida, a floresta com seus diversos seres naturais e sobrenaturais e a Deus. Da mesma forma, para manter a saúde do corpo, os pajés faziam rituais, os quais convocavam os espíritos contidos nas plantas. Um indígena relata:

antigamente o pajé fazia. Hoje não tem, porque assim a família da pessoa que estava doente convocava o pajé, aí ela fazia aquele todo o ritual e preparava o medicamento. Inclusive já tem uma música em relação a isso. Eu queria fazer uma descrição sobre uma língua espírita do pajé. Ontem eu estava conversando com meus filhos, meu pai foi pajé, então vem a música cantando tudo aquela música você não entende o que ele está falando, parece que está falando tudo em inglês, mas essa língua é espírita, durante esses rituais ele cantam.
(Entrevistado professor Gamalonô Suruí, 2018).

A etnia Paiter Suruí desenvolve uma relação harmônica com a natureza, preservando-a e retirando o essencial para a subsistência e sobrevivência da coletividade. Visamos, dessa forma, o pensamento de fronteira (OLIVEIRA; CANDAU, 2010), que busca dar visibilidade a outras lógicas de pensar, de produzir e de difundir saberes e fazeres, diferente da lógica hegemônica ocidental. Esse pensamento busca questionar o pensamento dominante e introduzir-lhe outras maneiras de pensar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os povos indígenas possuem saberes tradicionais e ancestrais sobre a biodiversidade que são propriedade intelectual de cada etnia. O uso desses saberes torna-se importantes para a preservação futura da biodiversidade. Dessa forma, entendemos que o uso das plantas medicinais é uma estratégia que vale ser resguardada, não só para a preservação da cultura da etnia Paiter Suruí, mas para manter resguardados tais conhecimentos, dando-os autoria aos membros da etnia. Entendemos, ainda, que eles possuem uma farmácia viva proveniente dos recursos vegetais encontrados na região demarcada. Os indígenas têm consciência de como relacionar-se com o meio ambiente sem agredi-lo, retirando o estritamente necessário à subsistência da etnia, porque eles entendem que todos têm direito ao meio ambiente “saudável”, ou seja, que a retirada dos recursos naturais se prolongue às gerações futuras.

As áreas de floresta, garantidas pela demarcação das terras indígenas, são mais protegidas que outras áreas ao redor, apesar de ainda hoje haver invasões e extração ilegal de madeiras e minérios em terras indígenas. Culturalmente, a natureza é mais que um meio de sobrevivência, é um suporte à vida social, cultural e histórica. A natureza está ligada às crenças, ao conhecimento e aos rituais por eles desenvolvidos. A territorialidade está vinculada, historicamente, ao espaço de convívio sociocultural de cada aldeia, mantendo vivo seus ancestrais, suas histórias, suas festas, seus ritos, ritmos e mitos. Dessa maneira, as terras indígenas são territórios de pertencimento e têm

caráter espiritual, mitológico e religioso. Entendemos, ainda, que essa territorialidade perpassa os próprios indígenas e compõe a identidade coletiva dos Paiter Suruí.

Dar visibilidade àqueles que foram abandonados é promover a ecologia dos saberes na tentativa de diálogo entre as culturas. Esse movimento de encontro entre as culturas ocorre para a legitimação de saberes e fazeres oriundos de quaisquer grupos socioculturais. Não podemos admitir um mundo dividido em compartimentos, os quais aloca os saberes por ordem de grandeza, desprezando aqueles considerados inferiores. Não há saber mais ou menos. Há saberes necessários a cada grupo sociocultural. Esse mundo compartimentado é habitado por pessoas diferentes e cada qual cria aquilo que lhe é próprio e que resguarda a identidade local e coletiva. Reconhecer o etnoconhecimento em cada etnia indígena é crucial para visibilizar os povos indígenas com seus diversos rituais mitológicos, espirituais e religiosos.

Buscamos neste trabalho trazer a atitude decolonial, ou seja, ter consciência decolonial na tentativa de desgeneralizar conhecimentos impostos e hegemônicos ocidentais, criando laços fronteiriços que apontam para a interculturalidade, isto é, para o diálogo e a dinâmica entre culturas. A atitude decolonizadora ou decolonial permite ao sujeito cognoscente, independente daquilo que lhe foi atribuído, emergir na zona do não ser, do invisibilizado, com sua experiência e conhecimento e desafiar aquilo que lhe é imposto. É essa atitude que o povo Paiter Suruí começa a conquistar com a implantação do centro de plantas medicinais na aldeia.

Corroboramos Freire (1967, p. 109) quando afirma que “cultura é toda criação humana”, portanto, toda cultura tem saberes e fazeres pertinentes aos seus membros e estes os identificam como diferentes perante os demais. Entretanto, há que se ter o diálogo em um caráter intercultural, sem sobrepor uma ou outra diante às demais. Essas culturas são produzidas, são plurais e são o resultado de todo trabalho humano sobre o meio natural local. Nessa perspectiva, “a cultura se explica num primeiro nível” (FREIRE, 1967, p. 124), advém da necessidade de se relacionar com a natureza envolvente e de conviver harmonicamente com ela.

Constatamos que eles próprios querem resguardar esses saberes e fazeres como forma de garantir o empoderamento da etnia e preservar a identidade perante outras etnias e os não indígenas. Dessa maneira, a criação do Centro de preservação de plantas medicinais Olawatawa é uma iniciativa com esse caráter, pois visa resgatar a história da etnia Paiter Suruí por intermédio dos anciãos que sobreviveram à época do contato com os não indígenas e que são enciclopédias vivas da cultura. Ressaltamos que a utilização das plantas medicinais, pelos indígenas, tem um caráter cosmogônico, já que envolve histórias as quais fazem parte da própria história da etnia. Esse etnoconhecimento agrega marcadores de pertencimento e de territorialidade não só aos sabedores anciãos, mas a toda coletividade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA SILVA, Adnilson de. **Territorialidades e identidade dos coletivos Kawahib da Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau em Rondônia: “Orevaki Are”** (reencontro) dos “marcadores territoriais”. 2010. 301 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Departamento de Geografia. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.
- BOOKCHIN, Murray. **Ecologia social e outros ensaios**. Org. e rev. Mauro José Cavalcanti. Rio de Janeiro: Achiamé, 2010.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- CARNEIRO, Fernando F.; KREFTA, Noemi M.; FOLGADO, Cleber A. R. A práxis da ecologia dos saberes: entrevista com Boaventura de Sousa Santos. **Tempus: acta de saúde coletiva**, v. 8, n. 2, p. 331-338, 2014.
- CARVALHO, Francisco. Da ecologia geral à ecologia humana. **Fórum Sociológico** [online], n. 17, p. 127-153, 2007.
- D’AMBROSIO, Ubiratan. A dinâmica cultural no encontro do velho e do novo mundo. **EÄ Journal**, v.1, n. 1, p. 1-29, 2009.
- D’AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade**. São Paulo: Autêntica, 2011. - (Coleção Tendências em Educação Matemática)
- DOMITE, Maria do Carmo S. Na trilha da Etnomatemática: alteridade e escuta em Freire. **Boletim do LABEM**, v. 7, n. 12, p. 24-34, 2016.
- DUQUE-BRASIL, Reinaldo. **Etnobotânica: reflexões sobre conceitos e métodos de pesquisa**. Etnoikos - Grupo de Estudos transdisciplinar em etnoecologia – UFV, p. 1-23, 2010.
- FERREIRA NETO, Antonio. **Ensino e aprendizagem da matemática na educação escolar indígena Paiter Suruí**. 2018. 191 f. Tese (Doutorado em Educação em Ciências e Matemática) – Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2018.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- GIRALDI, Mariana; HANAZANI, Nathalia. Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais no Sertão de Ribeirão, Florianópolis, S.C., Brasil. **Acta Botânica Brasileira**, v. 24, n. 2, p. 395-406, 2010.
- OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria F. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em Revista**, v. 26, n. 1, p. 15-40, 2010.
- ROCHA, Joyce R.; BOSCOLO, Odara H.; FERNANDES, Lucia R. R. M. V. Etnobotânica: um instrumento para valorização e identificação de potenciais de proteção do conhecimento tradicional. **Interações**, v. 16, n.1, p. 67-74, 2015.
- SANTOS, Boaventura de S. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2006. - (Coleção para um novo senso comum, v. 4)

SANTOS, Boaventura de S. **A crítica da razão indolente contra o desperdício da experiência**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SANTOS, Boaventura de S.; MENEZES, Maria P. (Orgs.). **Epistemologias do sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

Submetido em: 19 de março de 2021.

Aprovado em: 16 de maio de 2021.

Publicado em: 23 de novembro de 2021.